

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS - PERCEBENDO O ENTRELAÇAR DE FIOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

MORAIS, Jacqueline de Fatima dos Santos

JESUS, Regina de Fátima

Este texto busca trazer parte das pesquisas por nós realizadas em História Oral, evidenciando o potencial das Histórias de Vida de professoras como locus privilegiado de compreensão dos aspectos pessoal e profissional daquelas que atuam cotidianamente no Ensino Fundamental das Escolas Públicas do Estado do Rio de Janeiro.

Múltiplos aspectos contribuíram para que este trabalho fosse realizado de forma coletiva: o interesse comum em uma mesma metodologia de pesquisa; a escolha de iguais sujeitos/objetos, professoras de escolas da rede pública; a participação em um mesmo grupo de pesquisa, além de uma compartilhada preocupação: entender os fios que se entrelaçam na formação e construção da identidade docente das professoras que atuam com os alunos e alunas pertencentes às camadas populares, por estes constituírem majoritariamente as listas dos que são apontados pela escola como os que fracassam.

A fim de aprofundar em nossas pesquisas a discussão sobre a formação de professores, necessitávamos de uma abordagem que garantisse a compreensão do trabalho das professoras tanto em sua dimensão de singularidade e heterogeneidade como na dimensão de totalidade. O encontro com a produção teórica de Walter Benjamin foi fundamental por nos ajudar a ver como a linguagem, e nela as narrativas orais, era importante espaço revelador dos diferentes sujeitos que buscávamos compreender, pois nos permitia uma aproximação com os seus rastros, construídos pelas memórias de múltiplas histórias e inúmeras experiências.

“Sabe... eu pensei que já tivesse esquecido daquele tempo.... Agora, você está me fazendo voltar atrás, é um sentimento que não consigo explicar. Quando eu vou lembrando, parece que eu vou vivendo de novo... mas antes era diferente... É claro que a gente se reunia, discutia no coletivo, mas só agora eu me dou conta de que muita coisa aconteceu... como a gente aprendeu junto! Agora eu sei. ” (Ana Júlia)

Fomos percebendo que realizar uma investigação com fontes orais implicava tornar a própria história narrada o núcleo do nosso trabalho, o que demandava entrar em contato com as diferentes narrativas que aquele real, o cotidiano escolar, comportava. Neste sentido, categorias como: classe, etnia e gênero foram importantes fios com os quais entrelaçamos, numa teia dialógica, as histórias das professoras para melhor compreender a construção da identidade docente e a formação em sua complexidade.

Ao propormos que nossas entrevistadas (ao todo 10 professoras) reconstruíssem pela narrativa os caminhos percorridos em suas histórias de vida, por meio de entrevista aberta, cada uma acabava também por compartilhar conosco sua trajetória profissional, nos oferecendo pistas para pensarmos que os aspectos profissionais e pessoais não são opostos, dicotômicos ou descontínuos como tantas vezes são vistos, mas estão nas vidas humanas em constante rede de tensões e inter-relações. As narrativas produzidas pelas professoras entrevistadas durante nossas investigações foram nos revelando não apenas aspectos das múltiplas experiências vividas por estas mulheres-professoras como também nos incitando a rever o *locus* privilegiado de formação do *ser-professora*, historicamente apontado como os Cursos de Formação de Professores, especialmente a antiga Escola Normal e as universidades. O próprio contexto da pesquisa ia nos instigando cada vez mais e nos perguntávamos: não seriam igualmente importantes as múltiplas experiências em tempos/espços diferenciados na constituição do que é ser profissional da educação hoje?

A realidade cotidiana e o contexto da pesquisa exigia de nós, cada vez mais, um arcabouço teórico que desse conta de realizarmos uma análise das histórias dos nossos sujeito/objetos em sua complexidade. Neste sentido, os marcos teóricos que nos acompanharam foram: a *Epistemologia da Complexidade* proposta por Edgar Morin, o pensamento de Walter Benjamin e o *Paradigma Indiciário* pesquisado sobretudo por Carlo Ginzburg.

O trabalho de pesquisa foi nos mostrando que o entrelaçamento de histórias individuais refletiam histórias coletivas, que micro-histórias traziam macro-histórias (Walter

Benjamin, 1994), que partes continham informações do todo, lembrando-nos o princípio hologramático, desenvolvido por Edgar Morin.

Repensar os Cursos de Formação de Professores para que incorporem as Histórias de Vida dos múltiplos sujeitos que os constituem, tomando-as assim como conteúdos curriculares, transversalmente tecidos e potencializados, dando origem a novos conhecimentos, construídos coletivamente, foi se anunciando ao longo das análises das narrativas como um desafio.

Muitos são os desafios que vivemos e que vivem os professores da rede pública de ensino. Estes inúmeros desafios nos colocam, a todos nós, a necessidade de uma contínua prática de pesquisa, que a professora Luiza anuncia em um olhar perspectivo, durante uma de nossas entrevistas.

“Eu acho que no futuro o professor, o que vai realmente ficar na profissão, vai ser aquele... aquela pessoa que encarar a educação como um processo de pesquisa. Aquele que vai estar fazendo a sua prática e repensando a sua prática, estudando, repensando, refazendo, reformulando. Eu acho que aquele que entrou no magistério e achou que fez um Curso Normal, que fez uma faculdade e acabou, que detém o saber, esse acaba. Esse não vai permanecer...Eu creio que já há um prenúncio dessa mudança hoje, agora.”

As narrativas das professoras foram nos convidando a *entender o outro como legítimo outro*, como nos diz Maturana e nos fazendo perceber que a linearidade na construção da identidade profissional deve ser colocada em questão. As narrativas de Maria do Carmo em muito nos ajudou a entender:

“ Sabe, eu era pequena. Tinha assim 9, 10 anos e já cuidava dos meus irmãos. Aí eu tinha ensinar os trabalhos de casa deles. Era assim: eles sentavam no chão e eu mandava: faz o dever! Eles faziam e eu corrigia. Nem sei se corrigia direito. Sei lá. Pra mim era uma brincadeira. Eu acho que peguei gosto de ser professora nesse tempo. Aí não larguei mais o gosto.”

Valorizar as Histórias de Vida, como as que ouvimos durante nossa pesquisa, tem sido uma das saídas apontadas por Nóvoa (1992 p.9) para a produção de um pensamento propriamente pedagógico sobre a profissão docente:

“Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ser.”

A desconsideração da existência de outras instâncias por onde cada sujeito transita ou transitou em sua trajetória de vida/profissão, dificulta a possibilidade de que os (as) educadores(as) possam dar sentido às formações profissionais que recebem dentro de instâncias formais de educação como os cursos. Além disso impede que esses sujeitos possam perceber as contribuições que os demais espaços por onde transitam oferece para a própria formação escolar.

Conclusões

Sabemos que a complexidade humana impede que tomemos o ser em sua totalidade. Assim, devemos assumir que nossa investigação conseguiu recolher o que pudemos chamar de possíveis pistas, o que nos permitiu/permite aproximações, sempre provisórias do objeto investigado. É oportuno lembrar o conselho de Leonardo Boff que “*todo ponto de vista é somente a vista do ponto.*” Assim, é necessário humildade para tomar as histórias ouvidas em compreensões sempre parciais.

Outro aspecto que gostaríamos de ressaltar nas nossos entrevistadas e é aquele que se refere a uma certa capacidade de compartilhar com outros pares suas experiências, como o oleiro de que nos fala Walter Benjamin (1994). A narrativa produzida pelos professores não possui a pretensão de transmitir uma informação. Assim como Benjamin acreditamos que *o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria*. E somente com a sabedoria que vem das experiências vividas no cotidiano da escola pública, por vezes tão esquecidas, desvalorizadas e desconsideradas, é que a formação docente poderá se repensada.

Outra pista percebida nesta investigação que nos atrevemos a colocar nas conclusões é aquela que nos fala da dimensão coletiva das histórias narradas. Mesmo falando em histórias singulares, por suas dimensões individuais, não deixam de Ter presente a dimensão sócio-cultural, não deixam de ser reflexo desta dimensão, bem como de refletirem suas particularidades no todo social. Este interceptar de histórias se dá nesta rede de

relações. Subjetividades são construídas social e culturalmente. O ser individual que se constrói enquanto sujeito em determinado grupo, ou transitando por uma diversidade de grupos, é múltiplo e uno ao mesmo tempo: múltiplo pela interlocução com a diversidade, e uno, pela construção singular que dá a esta diversidade. Sendo uno, sintetiza o múltiplo; sendo múltiplo contém a diversidade e a ambigüidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. História Oral - a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BAKHTIN, Mickhail (Volochinov). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CARVALHO, Edgard de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição, FIEDLER-FERRARA, Nelson *et al.* Ética, Solidariedade e Complexidade. São Paulo: Palas Athena, 1998.
- CASTRO, Gustavo de, CARVALHO, Edgard de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição de (orgs.) Ensaio de Complexidade. Porto alegre: Sulina, 1997.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano.- artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GARCIA, Regina Leite. Cartas Londrinas - e de outros lugares sobre o lugar da educação. São Paulo: Relume-Dumará, 1995.
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991a.
- _____. Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1991b.
- _____. História Noturna. São Paulo: Companhia das Letras, 1991c.
- LINHARES, Célia Frazão; GARCIA, Regina Leite (org.). Dilemas de um Final de Século: o que pensam os intelectuais. São Paulo: Cortez, 1996.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- PARELMUTTER, Daisy, ANTONACCI, Maria Antonieta (org.). Ética e História Oral. São Paulo: Educ, Abril, 1997. Nº 15- Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História- PUC-SP.

SCHNITMAN, Dora Fried (org.). Nuevos Paradigmas, Cultura y Subjetividad. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 1995.